



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



“ENTRE O INDIFERENTISMO GLACIAL DE UNS E O RISO MOFADOR DE OUTROS”: a sociedade patriarcal a partir do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis

Amanda Helena Martins de Oliveira¹, Dalva Maria de Oliveira Silva²

amanda.de@ufu.br, dalva.oliveira@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Visto as possibilidades de análise em que a literatura como fonte pode contribuir às compreensões do passado, expressando as experiências do indivíduo no tempo, logo este trabalho visa perceber os modos como a sociedade patriarcal brasileira é constituída e reafirmada constantemente durante o Oitocentos brasileiro. Assim sendo, a abordagem parte da análise da personagem Fernando P., tio de Úrsula, no romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. Este, agressivo, controlador e incontestável expressa os modos como a sociedade brasileira do século XIX se portava perante à organização social. Para além da personagem encontramos sua própria vontade imperando sobre os outros indivíduos. A partir da percepção da forma como Fernando P. compreende o mundo à sua volta é que este trabalho irá relacionar os desafios encontrados pela sociedade da época à soberania do sistema patriarcal. A fim disto, é necessário que se entenda os contextos histórico e literário do período em que *Úrsula* (1859) foi construído. Considerando como a escritora utilizou seu romance para enfrentar os obstáculos da sociedade patriarcal e escravocrata, é importante se pensar como eram estabelecidas as relações e de que maneira as interações entre homens, mulheres e o meio social se davam, para que assim se compreenda de maneira mais ampla as hierarquias sociais nas quais as mulheres se encontravam submetidas.

Palavras-chave: Sociedade patriarcal; Mulheres; Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; Literatura.

INTRODUÇÃO

A fim de compreender as relações patriarcais construídas no Brasil Oitocentista por meio da obra *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, é importante que se perceba os

¹Amanda Helena Martins de Oliveira é graduanda do curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal-ICHPO. Bolsista do Programa de Educação Tutorial, PET História, e membra do Laboratório de Pesquisa em Patrimônio, Memória e Identidade, LAPAMI, História (ICHPO - UFU).

² Dalva Maria de Oliveira Silva é professora do curso de História pelo Instituto de Ciências Humanas do Pontal -ICHPO. Atualmente é tutora do Programa de Educação Tutorial -PET História.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



contextos histórico e literário nos quais a obra encontra-se inserida. Assim sendo, as historiadoras Camilotti e Naxara pensam os processos em que a história e a literatura passaram na modernidade - entre o fim do século XIX e XXI- compreendendo em que medida as fronteiras se aproximam, visaram que ao passo em que há temáticas em comum, estas são observadas por vieses distintos. Ao historicizar a literatura, é possível observar que entre os fins do século XIX e início do XX as discussões em torno do que se considerar *história* se intensificaram, isto é, a desqualificação da literatura como produção histórica se mostrou enfática.

Os historiadores de ofício acreditavam na ilegitimidade da história quando esta se ocupava do significado de expressões literárias, obras e autores num determinado tempo. Desse modo, para os historiadores que defendiam a história política e oficial, era necessário que se afirmasse um *apartamento* entre a história e a literatura. Por outro lado, há os que acreditavam nas aproximações, visto que a “história e literatura modernas que, desde seu início compartilham o interesse pelo humano – o homem alçado à condição de objeto de conhecimento”³.

Dentre os pesquisadores que foram sensíveis à outras perspectivas na história, Michelet em *O Povo* (1846), percebeu a necessidade de considerar o cotidiano humano. Assim sendo, para ele os testemunhos passaram a ter parte fundamental ao reconhecimento das experiências dos seres humanos no tempo, capaz de compreender as especificidades da história, uma vez que os testemunhos são representações das ações humanas num determinado período da história. Ademais, Michelet considerou a literatura como importante fator na descrição da realidade do povo, esta degradante e defeituosa, aspecto não considerado na história positivista do século XIX. Isto é, enquanto os historiadores de ofício consideravam a história dos grandes acontecimentos, Michelet, a compreendeu na literatura romântica (século XIX), capaz de expressar os desejos, anseios, expectativas, tristezas e dores da sociedade de maneira intensificada, a possibilidade de análise sobre a evasão da vida moderna uma vez que os testemunhos representavam as percepções da vida cotidiana. O *Michelet romântico*

³ CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia R. *História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil*. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p.20.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



reivindica para a história o papel de literatura de formação a partir da noção de testemunho. Coloca-se na posição de quem é capaz de, pelo testemunho e pela experiência, revelar ao próprio povo a constituição dos valores que lhe são particulares⁴.

Para François Hartog, depois de Heródoto a história aguardou um bom tempo até que chegasse “Michelet para reencontrar uma concepção épica da história”, para ele o historiador romântico poderia ser considerado um *vidente*, na medida em que transmite às gerações futuras o reconhecimento de sua própria realidade⁵. Nesta percepção a figura do povo caracteriza a história em si por meio dos valores, tradições, costumes sentimentos, entre outros aspectos que por meio da literatura a história consegue captar.

Dessa maneira, ao se pensar as relações reconhecidas pelos historiadores entre história e literatura, Camilotti e Naxara (2009) compreendem mais as aproximações que os apartamentos. Isto é, à medida em que se reconhece o objeto de estudo como o próprio indivíduo, logo as bases se parecem de modo a relacionar o campo social ao individual e temporal. Assim sendo, quando Alfredo Bosi (1993) percebe a aproximação da história no sentido da literatura, este reconhece a importância dos testemunhos, a fim disto “ele vai à literatura e tira dela os testemunhos que lhe interessam, para compor uma história complexa, rica, que abraça o externo, mas também o interno”⁶. Portanto, o uso da literatura como fonte histórica abarca uma ampla gama de possibilidades, nas quais novas percepções culturais, sociais e temporais podem ser apreendidas resultando no reconhecimento das representações da realidade de diversos outros grupos sociais.

Para além da historicização da literatura como fonte, bem como a relação desta com a história, é de extrema importância que o historiador pense os contextos histórico e literário da obra. Assim sendo, ao buscar compreender o feminino na obra *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, é imprescindível que se conheça os aspectos contextuais do romance. Visto

⁴CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia R. *História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil*. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p.22.

⁵ CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia R. *História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil*. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p.22 APUD. .HARTOG, François. *O espelho de Heródoto* (1980). 1999. *Op. cit.*, p. 28.

⁶CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia R. *História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil*. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p.26. APUD. BOSI, Alfredo. Debatedores: Alfredo Bosi e José Carlos Sebe Bom Meihy. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). *Literatura e história na América Latina* – seminário internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: Edusp, 1993, p. 135-141; citação p. 138-139.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



isso, a obra foi construída 9 anos após a criação de duas leis que modificariam os modos como a sociedade escravista brasileira se organizaria. O governo Imperial brasileiro, sob pressões britânicas, elaborou um projeto de lei que foi apresentado pelo ministro da justiça Eusébio de Queiroz, o qual visava a extinção do tráfico negreiro no país. A lei de número 581, de 4 de setembro de 1850 conhecida como lei Eusébio de Queiroz, entrou em vigor em todo território.

Com a extinção do tráfico negreiro, que futuramente levaria à abolição da escravização, o país se viu obrigado a se organizar de maneira distinta. Desta forma, os grandes fazendeiros e políticos da época passaram a incentivar a vinda de imigrantes europeus ao Brasil para trabalhar, foi durante este processo que ocorreu a criação de uma lei que proibia os negros de serem proprietários de terras. A chamada Lei de Terras ou lei número 601 de 18 de setembro de 1850, estabeleceu a compra como única forma para obtenção de terras públicas. Impossibilitando o sistema de doação ou posse de terras, sendo transformada em propriedades privadas, dificultando a população de ex-escravos a adquirir terras futuramente, uma vez que não tinham condições financeiras, levando à marginalização destes sujeitos.

Outro aspecto foi a conformação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Até 1850 seus membros eram compostos por portugueses, o que modificaria na década de 50 do Oitocentos, quando brasileiros passam a ocupar a organização do Instituto. Considerando que a modificação ocorreu após a independência do Brasil, a busca pelas origens nacionais se tornaram mais enfáticas dentro da instituição. Assim sendo, o Brasil buscou desprender o cordão umbilical da metrópole, isto é, iniciou um processo de descoberta da nacionalidade brasileira, no qual era necessário organizar um perfil capaz de representar a sociedade brasileira⁷. A partir desta perspectiva, aspectos internos se modificaram. A exemplo disto, a literatura foi um dos instrumentos utilizados a fim de construir esta nacionalidade, e se antes os escritos literários que circulavam no Brasil visavam a exaltação de Portugal, por conseguinte, o período é marcado por uma literatura nacional, na qual o índio é personificado como um herói, puro, indivíduo capaz de representar as origens do país⁸. A

⁷VER GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação Civilização nos Trópicos*: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1988. Neste é discorrido sobre as figuras necessárias à construção da identidade nacional brasileira.

⁸A exemplo desta percepção do índio as obras *O guarani* (1857) ou *Iracema* (1865), ambas de José de Alencar, apresentam a perspectiva observada.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



exaltação da natureza também contempla esta literatura nacional bem como o apego exagerado a tais aspectos naturais do país.

Após compreender a historicidade da literatura bem como conhecer o período histórico brasileiro, recortado, situemos sobre a vida da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, posto a necessidade do historiador de aplicar a crítica interna e externa a fim de analisar os aspectos gerais e profundos da história. Desse modo, seguimos. Maria Firmina dos Reis é maranhense, nascida em São Luiz (MA) em outubro de 1825 – entre a primeira e segunda fase da literatura romântica no Brasil. Mulher e negra num contexto histórico preconceituoso e refém de uma *ideologia senhorial*⁹ acabou sendo oprimida pela sociedade, no entanto, esta foi considerada ao mesmo tempo discreta e audaciosa.

Filha natural de Leonor Felipe dos Reis e registrada por João Pedro Esteves, Maria Firmina foi morar com a tia “considerada bem situada economicamente”¹⁰ na cidade de Guimarães (MA) onde prestou concurso para ensino primário oficial. A autora do romance considerado um marco na literatura abolicionista foi pioneira não apenas na escrita romântica feminina, mas também, criou em sua cidade natal uma escola para crianças pobres de ensino misto, pois compreendia a necessidade da interação escolar entre ambos os sexos. É importante observar que Maria Firmina dos Reis, assim como outras escritoras da época, utilizaram de pseudônimos. O livro *Úrsula*, por exemplo, não foi publicado com a autoria de Maria Firmina dos Reis e sim como *Uma Maranhense*.

Sociedade patriarcal em fernando p.

Dentre as diversas possibilidades de análises que podem ser observadas no romance, os modos como a sociedade patriarcal é representada expressa as maneiras como Maria Firmina compreendia tais relações no Brasil Oitocentista. *Úrsula*, uma jovem órfã de pai e sendo a mãe, Luiza B., aleijada e doente, gostava muito de passear pela mata perto de sua casa. Numa de suas caminhadas, logo após a partida de Tancredo, a moça foi abordada no

⁹ O historiador Sidney Chalhoub no livro *Machado de Assis Historiador* (2003), aborda o conceito da ideologia senhorial (p.19). O intuito deste subtítulo é descrever as façanhas da ideologia senhorial expressada já nos primeiros capítulos da obra machadiana, Helena. Chalhoub discorre o fato de Machado procurar não abrir mão de enfatizar tal ideologia por meio das relações e as interações dentro dos acontecimentos cotidianos dos dominadores e, assim refletindo, é claro, os resultados dessas relações e interações na vida dos subordinados, e no caso do sexo feminino acaba por ser a representação de certa forma da subordinação aos senhores, mesmo que esta mulher não fosse escrava.

¹⁰ O termo encontra-se na tese de mestrado de Rafael Balseiro Zin, *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista* (2016).



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



local por um homem, este querendo falar-lhe sobre suas intenções se apresentou como aquele à quem a jovem deveria dar seu coração. Contudo, Úrsula assustada declara que seu coração já é prometido à Tancredo, o que o homem hesita em comentar, mas acaba por se expressar. Expressões estas que causaram arrepios e inquietações em Úrsula. A sociedade patriarcal é apresentada na personagem de Fernando P., quando este a todo momento tem anseios que necessitam ser satisfeitos por todos à sua volta. Sem saber quem era o indivíduo inconveniente, Úrsula quer desesperadamente ir embora, porém o homem insiste que ela lhe dê uma palavra de esperança, o que a jovem recusa prontamente. O homem nervoso dá sequência ao monólogo

Rogae ao ceo, -(acrescentou)—meiga, e innocent donzella, rogae ao ceo para que o possa esquecer; porque se o meo amor proseguir assim, extremoso, indomavel, apaixonado, haveis de ser minha; porque ninguem me desdenha impunimente. Ouvis? -(disse em tom de ameaça, e depois em meia a supplica ajuntou)- Oh! Por Deos, não troqueis a ventura pela dor, e quem sabe? Pelo!.....
Esta ameaça horrivel, dicta com voz alterada, e em taes horas, irriçaram os cabellos da moça, que ficou pallida e queda de horror.
Hide- (concluio elle.)¹¹.

Fernando P., é um comendador e irmão de Luiza B., mãe de Úrsula. A união é trazida na obra como íntima na medida em que quando crianças os irmãos eram unidos, entretanto, a autora expressa esta relação como perigosa desde o início, quando Fernando P., manda castigar uma escrava da casa porque Luiza B. havia visto nesta uma amiga. Neste momento, a autora já apresenta como a personagem do comendador é aterrorizante, doentia e problemática. Não obstante, a sociedade patriarcal demonstra suas complexidades desde cedo também, quando as relações buscavam ser enfatizadas ainda na infância. Ao crescerem, Luiza B. se apaixona e quer se casar, porém seu irmão a proíbe. Esta se casa mesmo que contrária a vontade de seu irmão, o que o deixa furioso, devido a isso Fernando P. manda matar e levar à irmã o corpo de seu cunhado. Não bastando, quando seus pais morrem Fernando P. tira quase todos os bens de sua irmã, deixando apenas a casa que habitava. Devido à todos os sofrimentos que passa com o cujo, sangue de seu sangue, a mulher fica inválida e doenteacamada.

¹¹REIS, Maria Firmina. *Úrsula: romance original brasileiro*. São Luís: Typographia do Progresso, 1859. p.107.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



O trecho anterior se encontra no capítulo “A Matta”, quando depois de todos os feitos, o comendador vai atrás de Úrsula a fim de que esta seja dele. Na obra esta é a primeira vez que a personagem aparece e, já transpassa a ideia de superioridade, no qual o sexo masculino representa o ápice da humanidade. Assim sendo, este ser não pode e não deve ser confrontado ou questionado, mas quando isso acontece a masculinidade afetada se transforma de maneira violenta contra todos ao redor. Quando Fernando P. é recusado por Úrsula, seus instintos são feridos, desse modo o indivíduo precisa afirmar seu lugar na sociedade, tal autoafirmação se encontra quando o homem ameaça a jovem que custe o que custar ela seria dele caso ele permanecesse à amá-la. É importante se notar a “condição” que ele impõe sobre a vítima: *porque se o meu amor prosseguir assim*. Esta expõe a vontade da sociedade patriarcal, à qual a vontade e o desejo masculino ultrapassa qualquer possibilidade de autonomia que uma mulher poderia ter no Brasil Oitocentista, uma vez que sua vivência não está para além da submissão à outrem.

Não obstante, Firmina ao reconstruir o patriarcalismo em Fernando P., possibilita que pensemos as crueldades vivenciadas por mulheres, sejam elas brancas, negras ou pardas, homens brancos de baixa renda, negros escravizados ou livres. A imposição que se estabelece por cima dos demais indivíduos é tamanha que, não há quem viva sem ser oprimido pelo poder da sociedade senhorial. No trecho a seguir, Fernando P., à procura de Úrsula e Tancredo, questiona a preta Susana, a qual mesmo não sabendo onde o casal se encontrava acabou por sofrer nas mãos do comendador. A narradora estremecida anuncia a revolta de Fernando P.:

Então um sorriso infernal lhe arregaçou o lábio superior, e seu rosto ficou hediondo. Levem-na! (tornou accenando para Susana) – Miserável! Pretendeste iludir-me...saberei vingar-me. Encerrem-na em a mais humida prisão desta casa, ponha-se-lhe corrente aos pés, e a cintura, e a comida seja-lhe permitida o quanto baste para que eu a encontre viva.¹²

A crueldade é tanta que, ao impor que dessem comida e bebida o suficiente para que a encontrasse viva o senhor expressa sua vontade de presenciar sua morte, a fim de que este “saboreie” o sangue da escrava. E a perseguição não termina por aí. Fernando ao encurralar Túlio, exige que este diga onde está Tancredo, contudo quando o jovem se recusa a dizer-lhe

¹² Trecho de “Fernando P.”, p.158 em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis: nesta parte do capítulo mostra um pouco do início da perseguição de Úrsula e Tancredo.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



o comendador se transforma, ou melhor, permanece transparente quanto à odiosa manifestação de sua vontade. Este se apresenta inconformado por Túlio não responder e, a fim de conseguir o que quer questiona o moço como quem está fazendo um favor em pedir algo quando na verdade poderia simplesmente mandar. Estas louco, imbecil?! Não vês que peço, quando podia mandar?. Interessante notar que, sempre que não consegue algo o personagem se vê na necessidade de agredir física ou psicologicamente.

Ao passo que Susana é torturada, Túlio sofre agressão física, a qual é expressada pela autora como característica de uma sociedade animalesca e silvestre. Isto é, Fernando P., é o único personagem a ter seus feitos comparados à animais ferozes. A exemplo disto, a personagem tremendo de ira diz: Calla-te! - (interrompeo o commendador roxo de ira) – Esqueces-te acaso quem sou?- feixou os punhos, e dos lábios gotejou-lhe sangue; rugio como uma onça, e arremeçou-se sobre o negro¹³. Tal impulsividade irracional perpassa em outras situações, como quando a narradora ao descrever a chegada do comendador junto aos seus ajudantes, caracteriza-os como *feras humanas* sedentas por alimento, este que no caso cumpriria após o “acerto de contas”. Assim narra

E um tropel como de lobos, que devorados pela fome uivam medonhamente, aproximou-se do coche; e o grito do postilhão denunciou-lhes que estavam cercados por essas feras humanas mil vezes mais temíveis que os chacaes e as hyenas¹⁴.

O ápice da monstruosidade encontra-se quando Fernando P. assassina Tancredo na frente de Úrsula. E esta desesperada para que o ocorrido não se findasse se humilha desesperadamente aos pés do tio, o qual feliz e satisfeito a observa com tranquilidade. Os modos como a sociedade patriarcal é expressa compõe a agressividade desta imposição social, uma vez que a plenitude de Fernando só é alcançada quando o indivíduo feminino é percebido frágil, triste e desesperado aos seus pés. É como se a sociedade se curvasse ante ao autoritarismo alfa. Não obstante, a narradora descreve “E cahio prostada aos pés de Fernando, que semelhante á hyena, que meneia a cauda, e lambe os beiços, porque a presa não lhe escapará, olhava-a sorrindo de ferocidade”¹⁵.

¹³ Trecho ainda do capítulo “Fernando P.” agora pois, o indivíduo que é confrontado é Túlio, o recém-liberto.

¹⁴ Trecho do capítulo “O despertar”, p.177 em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

¹⁵ Trecho de “O despertar”, , p.177 em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis: cena final do capítulo.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que a literatura pode ser utilizada pelo historiador como uma importantíssima fonte histórica, a obra *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, aqui analisada, apresenta questões sobre a memória das mulheres no Brasil Oitocentista. Assim sendo, é necessário que se considere as amplas possibilidades de análises contidas no romance, tais como o contexto histórico das personagens construídas pela autora a fim de compreender as mentalidades do período. Consideremos a possibilidade a partir desta pesquisa a abertura para novos horizontes onde compreendemos a necessidade de dar continuidade às pesquisas de forma a entender as relações históricas que se deram entre a inserção da mulher literária, os impactos sociais e as representações que deram por meio dos pseudônimos. E, por fim, resgatar nas produções literárias de Maria Firmina sua percepção sobre o ser feminino no campo social, percebendo assim, segundo Zin, a “importância de se propagar e se estabelecer naquela decadente sociedade brasileira oitocentista os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, contribuindo, assim, para a construção de um país mais justo e sem opressão”.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, A. C. **A fonte fecunda**. In.: PINSKY, Carla B; LUCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2011. p. 61-91.
- CAMILOTTI, V; NAXARA, M. R. **História e Literatura**: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, UFPR, n. 50, p. 15- 49, jan./jun. 2009.
- CHALHOUB, S. **Machado de Assis, historiador**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GUIMARÃES, M. L. S. **Nação Civilização nos Trópicos**: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1988. 27 p.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



REIS, M. F. **Úrsula**: romance original brasileiro. São Luís: Typographia do Progresso, 1859.

ZIN, R. B. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.